**FLUXOS POPULACIONAIS, MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS**

Os fluxos populacionais foram incrementados a partir do desenvolvimento do sistema de transporte (Rodoviário, hidroviário, ferroviário e aéreo) e das telecomunicações, que ofereceram maior mobilidade às pessoas em todo mundo. Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), aproximadamente 175 milhões de pessoas vivem fora do país de origem.  
  
Os fluxos populacionais entre países são denominados de migrações internacionais, essas podem ocorrer por atração ou por repulsão, a primeira geralmente acontece quando as pessoas vivem em países nos quais não há boas condições de vida e de trabalho, são atraídas rumo a países desenvolvidos, como Estados Unidos, países da Europa desenvolvida e Japão, a segunda são migrações onde o indivíduo deixa seu país devido a problemas políticos, perseguições, guerras, entre outros.  
  
A maioria das migrações internacionais ocorre pela busca de trabalho, as principais correntes migratórias emergem de Latino-Americanos, Africanos e Asiáticos em direção aos EUA, Europa e Japão. Os trabalhadores migrantes enviam dinheiro para sua terra natal, algumas estimativas revelam que eles movimentam anualmente cerca de 58 bilhões de dólares, o Brasil, por exemplo, recebe anualmente cerca de 2,8 bilhões de dólares enviados por brasileiros que vivem no exterior.  
  
Os brasileiros por vários motivos saem do país, o movimento de saída do país é chamado de emigração, o de entrada de estrangeiro é denominado de imigração. O que levam os brasileiros a sair do país rumo a outro, são as sucessivas crises econômicas, hoje existem cerca de 2 milhões de brasileiros vivendo no exterior de forma clandestina.  
  
Outra modalidade de migração internacional é a de fluxo de refugiados, indivíduos que sofrem perseguições de ordem política, religiosa ou étnica. Na década de 1970, havia cerca de 2,5 milhões de refugiados, hoje esse número chega aos 25 milhões, decorrentes de acontecimentos geopolíticos como: o fim do socialismo, a diminuição de ajudas financeiras e humanitárias e principalmente pela expansão do fundamentalismo Islâmico.  
  
São considerados migrantes refugiados cerca de 25 milhões de pessoas, que foram obrigados a deixar seus lares devido a problemas ambientais, como desmatamento, desertificação, erosão dos solos e desastres químicos e nucleares.

Não pare agora... Tem mais depois da publicidade ;)

As origens dos refugiados são as mais variadas, mas geralmente possuem algumas características, como origem de países subdesenvolvidos, no qual a renda per capita média está abaixo de 500 dólares e há alto índice de analfabetismo, governos ditatoriais que violam os direitos humanos de determinada parcela da população, na forma de perseguições políticas e torturas, extermínio étnico e discriminações religiosas e culturais.  
  
Por fim, existe um fluxo, agora sem agravante, que é o turístico, que são motivados pela busca de lazer, cultura e religião, esse processo motiva a comercialização de viagens em grande escala a custos mais reduzidos (pacotes de viagens), mas esse tipo de fluxo é privilégio de uma restrita parcela da população mundial.

Os principais países que atraem turistas são Alemanha, Japão e EUA, o volume do faturamento decorrente a atividade é de aproximadamente 4,5 trilhões de dólares, gerando cerca de 200 milhões de empregos em todo o mundo.

  
O deslocamento de pessoas no mundo

Publicado por: Eduardo de Freitas

[AFP](https://www.em.com.br/busca?autor=AFP)

postado em 07/12/2018 16:52

Os anos 2000 foram cenário de movimentos maciços de população que fogem dos conflitos, da pobreza e de perseguições. Abaixo, alguns casos:

- Desde 2011: Síria -

O conflito na Síria, que começou com a repressão das manifestações pró-democracia, deixou mais de 360.000 mortos desde março de 2011. Neste país de aproximadamente 23 milhões de habitantes antes da guerra, mais da metade da população se viu obrigada a fugir de seus lares por causa dos combates. No interior do país há cerca de 6,6 milhões de sírios deslocados.

O restante, mais de 5,6 milhões, fugiram para o exterior, a maioria a países vizinhos, segundo os últimos dados da Agência da ONU para os Refugiados (Acnur).

A Turquia é o país que acolhe mais sírios registrados pela Acnur, com mais de 3,6 milhões. Em seguida estão Líbano (menos de 1 milhão a 1,5 milhão, segundo Beirute) e Jordânia (de 673.000 a 1,3 milhão, segundo Amã).

Centenas de milhares de sírios se refugiaram também na Europa, sobretudo na Alemanha.

- 2013-2018: Sudão do Sul -

O Sudão do Sul, que conquistou sua independência em 2011, foi cenário de uma guerra civil durante quase cinco anos, é caracterizado pelas atrocidades de caráter étnico. O conflito entre dezembro de 2013 e setembro de 2018 deixou mais de 380.000 mortos e obrigou cerca de 4,2 milhões de pessoas, um terço da população, a fugir.

Segundo o Acnur, quase 2,2 milhões de pessoas deixaram o país para ir a Uganda (785.000), Sudão (764.000) e Etiópia (422.000). Trata-se de uma das piores crises humanitárias do mundo.

- 2015: um recorde na Europa -

A chegada maciça e continuada de migrantes por vários anos provocou uma grave crise migratória e política na Europa, onde os governos endureceram suas condições de acolhida e, em alguns casos, restabeleceram os controles fronteiriços.

Depois do recorde de mais de 1 milhão de migrantes em 2015, o número de chegadas pelo mar Mediterrâneo (de origem síria, iraquiana, afegã e da África subsaariana) tende a cair. Em 2016 foram mais de 362.000, e em 2017, 172.000. Desde o início de 2018, 132.500 migrantes chegaram à Europa, 108.400 deles pelo mar, segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM). Cerca de 2.130 pessoas morreram nessa tentativa.

À medida que foram fechando as rotas migratórias no Mediterrâneo oriental (Turquia-Grécia) e central (através da Líbia ou da Tunísia para a Itália), a pressão foi sendo acentuada na rota ocidental, sobretudo no Marrocos. As redes de tráfico de migrantes aumentaram suas atividades rumo à Espanha que, com quase a metade das chegadas, se tornou neste ano a principal porta de entrada da imigração clandestina na Europa.

- A partir de 2015: Venezuela -

Segundo as Nações Unidas, cerca de três milhões de venezuelanos vivem no exterior, dos 2,3 milhões emigraram desde 2015, fugindo da grave crise econômica, política e social que atravessa o país. A Colômbia, que compartilha 2.200 km de fronteira com a Venezuela, acolhe mais de 1 milhão; o Peru, pelo menos 550.000; e o Equador, cerca de 300.000. Em agosto deste ano, uma estimativa divulgada em agosto pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que cerca de 30,8 mil venezuelanos vivem no Brasil atualmente.

O Acnur acredita que esse êxodo de venezuelanos que escapam da hiperinflação e da escassez é o mais expressivo fluxo migratório da história recente da América Latina.

- 2018: Honduras -

Uma caravana de milhares de migrantes, principalmente hondurenhos que saíram de seu país escapando da violência e da pobreza, alcançou em meados de novembro deste ano à fronteira com os Estados Unidos.

Outras caravanas procedentes de América Central se juntaram e os migrantes percorreram milhares de quilômetros a pé, de ônibus ou em veículos que os ajudavam, na esperança de obter o status de refugiados nos Estados Unidos.

Cerca de 6.000 pessoas se reuniram na cidade mexicana de Tijuana, mas não conseguiram cruzar a fronteira, para onde o presidente Donald Trump deslocou milhares de soldados.

# Os principais episódios da crise migratória na Europa

## De acordo com agência francesa mais de 3.500 refugiados morreram no mar tentando fugir de seus países.

**Por France Presse**

24/06/2018 12h28  Atualizado há um ano

Desde 2011, o fluxo de migrantes para a [**Europa**](http://g1.globo.com/tudo-sobre/europa/) tem provocado múltiplas tragédias, com milhares de afogamentos no Mediterrâneo, além de atritos políticos e tensões entre os países-membros da União Europeia, apesar da queda contínua das chegadas à costa da Europa a partir de 2015.

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur), mais de 3.500 pessoas que fugiam da guerra ou da pobreza morreram no mar, a maior parte delas no Mediterrâneo central.

Para avaliar uma solução para a crise migratória deflagrada por navios humanitários que resgatam imigrantes ilegais, [**dezesseis países europeus se reúnem em Bruxelas neste domingo (24)**](https://g1.globo.com/mundo/noticia/apos-polemica-com-navio-lideres-europeus-se-reunem-para-discutir-crise-de-imigracao.ghtml). No sábado (23), [**Itália e Malta se recusaram a receber navio de ONG Lifeline (Alemanha)**](https://g1.globo.com/mundo/noticia/italia-recusa-e-ameaca-novo-navio-com-imigrantes-na-vespera-de-cupula-europeia-sobre-imigracao.ghtml) com 239 resgatados.

## Primeiros indícios da crise migratória

De acordo com dados coletados do Acnur, em 2014, a chegada de migrantes na Europa quadruplicou, com um total de 280 mil. Mais de 170 mil foram para a costa italiana e 43.500 para a costa grega. Ainda em 2014, cerca de 144.630 sírios solicitaram refúgio no conjunto da UE desde 2011, quando começou o conflito no país.

Em 2015, foram mais de um milhão de migrantes. No mesmo ano, a situação adquiriu proporções vertiginosas: a Organização Internacional para as Migrações (OIM) estimou em 1.047.000 chegadas por mar à Europa, sendo 854.000 delas à [**Grécia**](http://g1.globo.com/tudo-sobre/grecia) e 154.000 à [**Itália**](http://g1.globo.com/tudo-sobre/italia). O aumento é explicado principalmente pela estagnação da guerra na [**Síria**](http://g1.globo.com/tudo-sobre/siria), combinada com a deterioração das condições de vida nos campos de refugiados.

Em 19 de abril de 2015 aconteceu em frente à costa líbia a pior catástrofe no Mediterrâneo em décadas. Até 800 migrantes procedentes da África ocidental morreram no naufrágio de uma embarcação que colidiu com um cargueiro português que havia ido ajudá-los. Naquele ano, o Acnur registrou quase 3.800 vítimas.

## Alemanha abre a fronteira

No fim do verão de 2015, quando milhares de refugiados fugiam dos conflitos no Oriente Médio e em outras regiões, a chanceler **[Angela Merkel](http://g1.globo.com/tudo-sobre/angela-merkel)** decidiu abrir as portas da [**Alemanha**](http://g1.globo.com/tudo-sobre/alemanha), provocando uma chegada maciça de solicitantes de refúgio (890 mil em um ano). Agindo de forma unilateral, foi criticada por muitos de seus sócios europeus.

O país, à beira da saturação, reintroduziu os controles em suas fronteiras.

Outros países imitaram a decisão de Berlim, principalmente no leste da Europa, que rechaçam as cotas de divisão de refugiados entre os 28 membros da UE. Áustria, República Tcheca, Eslováquia, países de trânsito, restabeleceram os controles nas fronteiras. Hungria e Eslovênia, principais países de entrada à zona Schengen, ergueram cercas com arames.

As solicitações de refúgio atingiram seu auge, com 1,26 milhão de solicitações na UE em 2015.

## Acordos da UE

Em 2016, Turquia e UE fecharam um acordo migratório para frear o fluxo de milhares de migrantes à Grécia. O polêmico acordo prevê, em troca de ajuda financeira, especialmente, a expulsão sistemática de todos os migrantes para a [**Turquia**](http://g1.globo.com/tudo-sobre/turquia). Combinado com o fechamento da rota dos Bálcãs, permitiu reduzir drasticamente as chegadas à Europa, que caíram em 2016 para 390 mil, segundo a OIM.

Já em 2017, a Itália corta a rota que passa por Grécia e Turquia. Em consequência, a Líbia se tornou, a principal via de migração no Mediterrâneo, e a Itália a principal porta de entrada à Europa.

Segundo a Ancur, a tendência se inverteu radicalmente a partir de meados de julho de 2017, essencialmente devido aos acordos fechados por Roma com as autoridades e as milícias líbias.

Esses polêmicos acordos, acompanhados do apoio concreto da Guarda Costeira líbia, fizeram com que as chegadas à Itália caíssem 75%. Mas muitas vozes denunciaram o custo humano para os migrantes, que são detidos e, em muitos casos, vítimas de violências e extorsões na Líbia.

## Crise política na Europa

Em 2018, na Itália, onde chegaram 700 mil migrantes desde 2013, uma coalizão de ultradireita e os antissistema chegou ao poder no fim de maio e decidiu, entre suas primeiras medidas, negar a autorização para atracar em um porto italiano para um barco humanitário que tinha 630 migrantes procedentes da África.

O [**"Aquarius" terminou a sua travessia na Espanha**](https://g1.globo.com/mundo/noticia/espanha-recebe-629-imigrantes-recusados-apos-9-dias-de-incertezas.ghtml), após uma odisseia de uma semana no Mediterrâneo que exacerbou as tensões na UE, principalmente entre Roma e Paris.

NaAlemanha, em 18 de junho, a ala mais conservadora da coalizão do governo deu um prazo de duas semanas a Angela Merkel para que feche as fronteiras, o que poderia provocar uma crise política importante.